

ATAQUE DOS MERGULHADORES DA MARINHA ITALIANA CONTRA NAVIOS BRITÂNICOS EM ALEXANDRIA*

RODNEY ALFREDO PINTO LISBOA**
Professor

SUMÁRIO

O envolvimento da Itália na Segunda Guerra Mundial
Pioneirismo italiano em ações submarinas conduzidas por mergulhadores de combate
Operação de sabotagem no Porto de Alexandria
Considerações finais

O ENVOLVIMENTO DA ITÁLIA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

No período imediatamente subsequente ao final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Itália, que se havia aliado à França e ao Reino Unido por ocasião do Tratado de Londres¹ (1915), encontrava-se

imersa em uma grave crise social e econômica após ter aumentado a emissão de moeda e contraído uma série de empréstimos para financiar o esforço de guerra. O resultado dessas medidas levou à desvalorização da lira e ao aumento da inflação, contribuindo significativamente para a falência de empresas e a elevação do nível de desemprego. Em

* Artigo elaborado como trabalho avaliativo da disciplina Pensamento Político e Estratégia Naval do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM) ministrado pela Escola de Guerra Naval (EGN).

Sobre o assunto ver *RMB* do 1º trim./2007, pp. 81-87 “*Almirante de la Penne, herói italiano de Alexandria*”, do Vice-Almirante (Re^{fb}) Luiz Edmundo Brígido Bittencourt com tradução de Dorita Dias Couto Ribeiro.

** Docente da Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá (Fepi), discente do PPGEM da Escola de Guerra Naval (EGN) e sócio correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

1. Acordo secreto assinado em 26 de abril de 1915, por meio do qual a Itália se propôs a abandonar o apoio às Potências Centrais, aliando-se à Triplíce Entente.

1920, as greves promovidas em diferentes cidades, somadas aos movimentos de trabalhadores rurais que pleiteavam terras para cultivar, agravaram um cenário que já se mostrava desfavorável para o então Primeiro-Ministro Giovanni Giolitti. Nesse período, inspirada pela Revolução Russa², a oposição socialista representada pelo Partido Popular Italiano passou a ter hegemonia na Confederação Nacional dos Trabalhadores. Assustada pela situação em curso no país, a burguesia italiana temia pela ascensão socialista e pela perda de sua privilegiada condição social.³

O cenário caótico pelo qual passava a Itália no início da década de 1920 evidenciou a figura de Benito Mussolini, líder do Partido Nacional Fascista, que acusava o governo de ser incapaz de promover as mudanças de que o país necessitava. Defendendo os ideais do nacionalismo e lutando contra a esquerda socialista nas ruas, os partidários de Mussolini conquistaram simpatizantes de maneira gradativa. Com o crescente apoio de membros da sociedade, inclusive do Parlamento, os integrantes do Partido Nacional Fascista promoveram uma ação originalmente engendrada para ser um golpe de Estado. Levada a cabo em 30 de outubro de 1922, a Marcha sobre Roma não encontrou grande resistência ao mobilizar-se para entrar na capital, onde Mussolini foi nomeado primeiro-ministro pelo Rei Vittorio Emmanuel III.⁴

Como premiê da Itália, Mussolini – o *Duce* (chefe), como ficaria popularmente conhecido – tomou uma série de medidas administrativas para promover a recuperação do país. Reprimindo qualquer tipo de oposição com violência e respaldado pelo apoio da maioria dos representantes do Parlamento, em janeiro de 1925 Mussolini anunciou a instauração de um Estado totalitário.⁵ Com base na política externa fascista de restaurar o antigo Império Romano mediante a conquista dos Bálcãs e da região Norte da África, o Duce incentivou a indústria, a militarização e o armamento.⁶

A velocidade de desenvolvimento do poder militar da Itália não acompanhou as pretensões de Mussolini, limitando os planos expansionistas do premiê e forçando-o a assediar nações de menor expressão, como a Etiópia (1936) e a Albânia (1939). Após invadir a Etiópia em 1935, Mussolini sofreu sanções da Liga das Nações, fato que promoveu sua aproximação com o regime nazista liderado por Adolf Hitler. Com a vitória na Etiópia consolidada, a Itália e a Alemanha firmaram o Eixo Roma-Berlim em 1936 com o objetivo de estreitar relações econômicas e lutar contra o comunismo.⁷

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as tropas nazistas lideradas por Adolf Hitler empreendiam uma impiedosa campanha de conquistas sucessivas em solo europeu. A *Blietzkrieg*⁸

2. Iniciada em 1917, constitui o período de conflitos promovidos pela classe operária, que se sentia explorada pelo governo autocrático e opressor do Czar Nicolau II.

3. ZAHAR, Cristina; FONSECA, Ana (Ed.) “A Bota Fascista”. *Segunda Guerra Mundial: 60 anos. A ofensiva do nazismo*. v. 1, São Paulo: Abril, 2005, pp. 40-42.

4. SOUTO MAIOR, Armando. *História Geral*. São Paulo: Editora Nacional, 1976, pp. 400-402.

5. ZAHAR; FONSECA, *op. cit.*, pp. 42-43.

6. JORDAN, David; WIEST, Andrew. “Alemanha versus Inglaterra”. *Atlas da Segunda Guerra Mundial*. v. 1, São Paulo: Escala, 2008, p. 63.

7. ZAHAR; FONSECA, *op. cit.*, p. 45.

8. Termo alemão usado em referência à “guerra relâmpago”, tática operacional que empregava forças móveis em ações ofensivas utilizando o efeito surpresa e a velocidade a fim de impedir que o inimigo tivesse condições de organizar-se defensivamente.

alemã invadiu a França, fazendo parecer, aos olhos de Mussolini, que iria dominar a Europa rapidamente. Pressentindo que as possessões coloniais da França e do Reino Unido na África estariam fragilizadas, e que caso não tomasse uma decisão rápida e definitiva a Alemanha acabaria por herdar esses espólios, o *Duce* entrou em guerra contra os Aliados no dia 10 de junho de 1940.⁹

PIONEIRISMO ITALIANO EM AÇÕES SUBMARINAS CONDUZIDAS POR MERGULHADORES DE COMBATE

A Itália tem uma longa tradição de empregar mergulhadores em suas campanhas militares navais. Durante o Império Romano, os *Urinatores*¹⁰ realizavam ataques de surpresa, destruíam obstáculos defensivos submersos, seccionavam cabos de âncoras, danificavam cascos de embarcações, transmitiam ordens dos comandantes e transportavam víveres para cidades costeiras sitiadas, entre outras ações subaquáticas.¹¹

Na primeira metade do século XX, após um intervalo de vários séculos, as inovações tecnológicas introduzidas por ocasião da Revolução Industrial permitiriam que os militares italianos considerassem o emprego de mergulhadores em operações de combate. Durante a Primeira Guerra Mundial, oficiais da Marinha Real Italiana

(Regia Marina) estudavam uma possibilidade de atacar a frota austro-húngara localizada no porto de Pula (Croácia), uma vez que os navios lá atracados estavam muito bem protegidos por um intrincado conjunto de redes de contenção submarina e minas subaquáticas. Em 1915, a primeira experiência de assédio ao porto utilizando uma embarcação a motor adaptada com lagartas foi frustrada.¹²

Um lapso de três anos ocorreria até que uma nova tentativa seria levada a cabo, empregando o mecanismo idealizado pelo Tenente Raffaele Rossetti. Esse dispositivo, denominado *Mignatta* (Sanguessuga), foi adaptado a partir da estrutura de um torpe-

A Itália tem uma longa tradição de empregar mergulhadores em suas campanhas militares navais

do de ar comprimido, dando-lhe a capacidade de transportar dois mergulhadores montados sobre seu corpo alongado. Na noite de 1º de novembro de 1918, na iminência da declaração de um armistício,

o *Mignatta* e sua tripulação, composta por Raffaele Rossetti e Raffaele Paolucci, penetraram as defesas do porto de Pula em imersão parcial¹³. Fixas em sua extremidade anterior, o torpedo modifico transportava duas minas explosivas, cada uma delas carregada com 170 kg de TNT. Após terem se aproximado lentamente das embarcações, os mergulhadores submergiram a uma profundidade de quatro metros, utilizando um potente imã magnético para acoplar um dos artefatos no casco de um encouraçado, o *SMS Viribus Unitis* (classe

9. JORDAN; WIEST, *op. cit.*, pp. 63-64.

10. O termo latino *Urinator* usado em referência ao indivíduo que mergulha.

11. RIBERA, Antonio. *Los hombres-peces*. 3. ed. Barcelona: juventud, 1976, p. 24.

12. JORGENSEN, Sven Erik. The First Frogmen. *X-Ray Magazine*. Copenhagen, nº 7, 2005a. Disponível em: <<http://www.xray-mag.com/content/first-frogmen>>. Acesso em: 10 ago. 2013, p. 67.

13. A imersão seria parcial, pois os mergulhadores deveriam realizá-la em apneia, uma vez que não podiam contar com dispositivos de respiração subaquática, que seriam desenvolvidos apenas na década de 1940.

Tegetthoff). Enquanto navegavam para o segundo navio, Rossetti e Paolucci foram detectados, mas antes que pudessem ser tomados como prisioneiros conseguiram se evadir após armarem o segundo artefato ainda fixo à extremidade do *Mignatta*, que foi abandonado. Cerca de 15 minutos transcorreram até que a primeira mina explodiu, fazendo com que a embarcação de guerra de 21.000 toneladas afundasse. Imediatamente após a primeira detonação, uma segunda explosão foi ouvida, mandando a Fragata *SMS Wien* para o fundo.¹⁴

O sucesso da ação de Rossetti e Paolucci refletiu nas pesquisas que seriam desenvolvidas posteriormente pelo Corpo de Engenheiros Navais (*Genio Navale*¹⁵) da Regia Marina. Ignorados após a conclusão da Primeira Guerra Mundial, os estudos relacionados aos torpedos tripulados foram retomados em 1935, por ocasião do assédio italiano à Etiópia.¹⁶ Deflagrada a Segunda Guerra, a extensa costa europeia, repleta de instalações portuárias, passou a

ser um alvo tentador para a execução de ataques furtivos.¹⁷ Diante disso, reunidos na Base Naval de La Spezia, um grupo de pessoas lideradas pelos Tenentes Teseo Tesei e Elios Toschi responsabilizava-se pela tarefa de encontrar uma solução para invadir os portos sob domínio britânico no Mar Mediterrâneo.¹⁸ O resultado desse esforço conjunto foi o desenvolvimento do Torpedo de Baixa Velocidade¹⁹ (*Siluro a Lenta Corsa* [SLC]), dotado de duas hélices propulsoras dispostas na popa e de uma ogiva explosiva destacável situada na proa e com capacidade para transportar dois homens – denominados Aurigas (Cocheiros) – montados em “selas” construídas sobre sua estrutura.²⁰

O SLC, apelidado *Maiale* (Porco) em virtude do desconforto e da falta de segurança que lhe eram peculiares, era transportado até a área de operações no interior de um compartimento estanque posicionado no convés de uma embarcação submarina.²¹ Nesse ponto é pertinente salientar que o



Figura 1: Esquema do SLC. (Fonte: Disponível em <<http://www.comandosupremo.com/slc.html>>. Acesso em: 22 mar. 2014).

14. JORGENSEN, *op. cit.*, pp. 68-69.

15. SCHOFIELD, William; CARISELLA, P. J. *Frogmen First Battles*. Wellesley MA: Branden Books, 2005, p. 19.

16. Corpo técnico, formado exclusivamente por oficiais, que tinha a responsabilidade de realizar o desenvolvimento e prover a manutenção de todo o material naval empregado pela Regia Marina.

17. WALDRON, Tom; GLEESON, James. *Mini-submarinos*. História Ilustrada da 2ª Guerra, Armas 18, Rio de Janeiro: Renes, 1977, p. 8.

18. SCHOFIELD, William; CARISELLA, P. J. *Frogmen First Battles*. Wellesley MA: Branden Books, 2005, p. 19.

19. A velocidade reduzida deve-se, principalmente, a dois motivos: garantir a furtividade e evitar que os mergulhadores fossem lançados para fora de suas selas.

20. WALDRON; GLEESON, *op. cit.*, p. 11.

21. WALDRON; GLEESON, *op. cit.*, pp. 11-12.

SLC (Maiale)	
Comprimento	7,30 m (com ogiva)
Diâmetro	53 cm
Peso	1.200 kg (com ogiva)
Velocidade	4,5 nós
Motor	Elétrico de 2.7 HP
Autonomia	16 km
Capacidade de Submersão	30 m
Armamento	Ogiva explosiva (TNT) de 300 kg
Tripulação	2

Tabela 1: Especificações Técnicas do SLC (Fonte: JORGENSEN, 2005b, adaptado pelo autor)

desenvolvimento desta nova tecnologia estimulou a criação da Primeira Flotilha de Meios de Assalto (*Prima Flottiglia Mezzi d'Assalto* [*1ª Flottiglia MAS*]) em 1939, com o intuito de promover operações de sabotagem e assalto anfíbio empregando Mergulhadores de Combate (MECs).

Abrimos um parêntese para destacar uma importante faceta da estratégia de enfrentamento adotada pela Regia Marina nas operações realizadas no Mar Mediterrâneo. Quando decretou guerra à Inglaterra e à França, uma vez que os Estados Unidos (EUA) ingressariam oficialmente no conflito apenas em dezembro de 1941, Mussolini tinha plena consciência do despreparo humano e material de suas Forças Armadas.²² Em 1940, a esquadra britânica havia suplantado a italiana ao estabe-

lecer bases navais nos portos de Gibraltar e Alexandria, passando a controlar as rotas de comunicação entre esses dois pontos, uma vez que ocupava as extremidades ocidental e oriental do Mar Mediterrâneo.²³

Mussolini tinha plena consciência do despreparo humano e material de suas Forças Armadas inferiorizadas em relação à Real Marinha Britânica. Coube à Regia Marina a tarefa de planejar operações navais de natureza assimétrica contra portos sob autoridade britânica

Diante desse cenário adverso, era imperioso para a Itália restabelecer a liberdade de sua navegação comercial no Mediterrâneo. Assim, inferiorizada militarmente em relação à Real Marinha Britânica (Royal Navy), coube à Regia Marina a tarefa de planejar operações navais de natureza assimétrica contra ambos os portos sob autoridade britânica.

No contexto dos conflitos envolvendo adversários estatais, como nos embates travados ao longo da Segunda Guerra Mundial, a modalidade de guerra assimétrica pode ser definida como qualquer ação realizada de forma criativa e

22. JORDAN; WIEST, *op. cit.*, p. 63.23. BRODIE, Bernard. *Guia de Estratégia Naval*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 1961, p. 109.

inesperada por um ator dotado de poder de combate inferior em relação ao seu adversário.²⁴ Partindo desta premissa, os estrategistas italianos colocaram os SLCs à prova dois meses após a entrada da Itália na Segunda Guerra, com um ataque engendrado contra a esquadra britânica posicionada no porto de Alexandria (Egito). Idealizada para ser levada a cabo entre os dias 25 e 26 de agosto de 1940, essa missão foi frustrada em virtude da prévia detecção e do posterior afundamento do Submarino *Iride*, embarcação que transportava os três Maiale destacados para a operação em questão. No mês seguinte, dois ataques, realizados simultaneamente contra os portos de Gibraltar e Alexandria, redundaram em novo fracasso.²⁵

Em março de 1941, como forma de engodo para levar os britânicos a pensar que existiam diversas tropas com propósito similar, a unidade de MECs da Regia Marina foi reorganizada e rebatizada com o nome Décima Flotilha de Meios de Assalto (*10ª Flottiglia MAS*).²⁶ Operando com sua nova denominação, os Aurigas, tripulando SLCs, experimentariam seu primeiro êxito na manhã de 19 de setembro de 1941, quando, após penetrarem o intrincado sistema defensivo que guarnecia o porto de Gibraltar, afundaram três navios de bandeira britânica (os petroleiros *Denbydale* e *Fiona Shell*, além do cargueiro *Durham*).²⁷

OPERAÇÃO DE SABOTAGEM NO PORTO DE ALEXANDRIA

Embora a Royal Navy detivesse o domínio do Mar Mediterrâneo desde

1940, exercer efetivamente esse domínio era algo que os britânicos não conseguiriam até 1942, quando os Aliados intensificaram a luta terrestre contra as tropas do *Afrika Korps* no Norte da África e sua força naval cortou as linhas de comunicação que abasteciam os efetivos alemães entre a Itália e o continente africano.²⁸ Para uma exata compreensão dos momentos distintos experimentados pela Royal Navy entre 1940 (quando a esquadra britânica do Mediterrâneo passa a controlar os portos de Gibraltar e Alexandria) e 1942 (quando os britânicos impedem as rotas de abastecimento italo-germânicas na porção central desse mar), é necessário estabelecer a diferença entre os conceitos de “obter o domínio do mar” e “exercer o domínio do mar”. O domínio do mar é obtido quando um dos atores é capaz de enfrentar o maior poder de combate do inimigo em uma determinada área, fazendo prevalecer sua superioridade naval. Por sua vez, um desses atores exerce o domínio do mar valendo-se dessa superioridade para garantir a mobilidade de suas embarcações e restringir a liberdade de movimento dos navios adversários.²⁹

Em dezembro de 1941, a Royal Navy encontrava-se em sérias dificuldades no Mediterrâneo, uma vez que suas embarcações de guerra estavam expostas à ameaça submarina dos *U-boats* alemães, desdobrados do Atlântico para prover a segurança dos comboios que abasteciam as tropas germânicas no Norte da África. Contudo, a presença dos poderosos

24. BREEN, Michael; GELTZER, Joshua A. “Estratégias Assimétricas como a opção dos mais fortes”. *Military Review*. Fort Leavenworth, KS, Jan/Fev 2012, pp. 51-52.

25. WALDRON; GLEESON, *op. cit.*, pp. 10-11.

26. JORGENSEN, Sven Erik. The First Frogmen 2. *X-Ray Magazine*. Copenhagen, nº 9, 2005b. Disponível em: <<http://www.xray-mag.com/content/first-frogmen-part-2>>. Acesso em: 10 ago. 2013, p. 89.

27. SCHOFIELD; CARISELLA, *op. cit.*, pp. 109-116.

28. BRODIE, *op. cit.*, p. 112.

29. *Idem*, p. 90.

encouraçados *HMS Queen Elizabeth* e *HMS Valiant*, ambos atracados no protegido porto de Alexandria, representava perigo para os comboios de abastecimento ítalo-germânicos no Mediterrâneo. Assim, minar a capacidade de combate desses encouraçados era condição fundamental para a liberdade de navegação comercial das forças do Eixo.³⁰

Quando os estrategistas italianos se debruçaram sobre os dados de inteligência coletados, avaliando qual seria a melhor opção para uma operação militar contra o porto de Alexandria, ficou evidente que o modelo de ação que oferecia menores riscos era aquele que considerava o assalto mergulhado empregando SLCs. É importante destacar que os torpedos tripulados italianos que vitimaram três navios no porto de Gibraltar despertaram a atenção das autoridades britânicas no Mediterrâneo, levando-as a intensificar os sistemas defensivos portuários contra ameaças desse tipo, fato que tornou a operação de ataque contra

o porto de Alexandria uma tarefa ainda mais arriscada.³¹

O pequeno grupo de MECs destacados para a operação, planejada e conduzida em sigilo absoluto pelo Departamento de Assalto da 10ª Flotilha MAS sob codinome GA3³², realizou toda sua preparação na Base Naval de La Spezia, região noroeste da Itália, onde cada um dos integrantes se familiarizou com os pormenores da missão e aprimorou sua capacidade de empregar o equipamento completo de mergulho³³ e operar os Maiale.³⁴

Finalmente, no dia 3 de dezembro de 1941, sob comando do Capitão de Corveta Junio Valerio Borghese, o Submarino *Scirè* partiu de La Spezia transportando três compartimentos estanques vazios sob pretexto de realizar testes em mar aberto. Durante a noite, transportados por barcaça ao encontro do *Scirè*, os Maiale foram devidamente instalados em seus respectivos compartimentos. Navegando rumo ao Mar Egeu, o submarino atracou na ilha grega de Leros seis dias depois para embarcar a

SLC	Tripulação	Objetivo
SLC nº 221	Tenente Luigi Durand de la Penne	<i>HMS Valiant</i> (encouraçado)
	Cabo Emílio Bianchi	
SLC nº 222	Capitão (AN ³⁵) Vincenzo Martellotta	<i>HMS Eagle</i> (navio-aeródromo)
	Cabo Mario Marino	
SLC nº 223	Capitão (GN ³⁶) Antonio Marceglia	<i>HMS Queen Elizabeth</i> (encouraçado)
	Marinheiro Spartaco Schergat	

Tabela 2: Grupo de MECs italianos destacados para a operação de assalto ao porto de Alexandria (Fonte: SCHOFIELD; CARISELLA, 2005, adaptado pelo autor)

30. HERNÁNDEZ, Jesús. *Operações Secretas da Segunda Guerra Mundial: conspirações, agentes secretos, contra-espionagem, golpes e sabotagem*. São Paulo: Madras, 2012, pp. 262-263.

31. WALDRON; GLEESON, *op. cit.*, pp. 15-17.

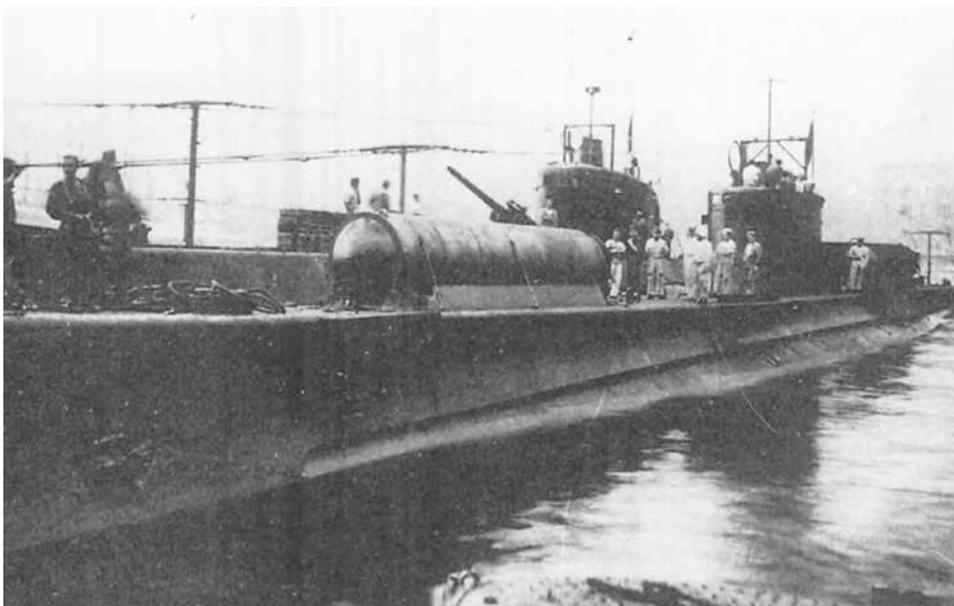
32. Este nome-código foi escolhido por ser esta a terceira tentativa de invasão do porto de Alexandria engendrada pela 10ª Flottiglia MAS.

33. Este equipamento era constituído pelo traje impermeável Belloni (criação do Capitão de Corveta Agnelo Belloni).

34. BARBIERI, Carlo. Alessandria 1941. *Lega Navale*. Roma, ano CXV, nº 5-6, mai/jun 2012, p. 28.

35. Acrônimo italiano usado em referência ao corpo técnico de Armas Navais (*Armi Navale*) da Regia Marina.

36. Sigla italiana empregada em referência ao corpo de Engenheiros Navais (*Genio Navale*) da Regia Marina.



Fotografia 1: Submarino *Scirè*, em primeiro plano, com os compartimentos cilíndricos estanques para o transporte de SLCs dispostos no convés (Fonte: SCHOFIELD; CARISELLA, 2005, p. 32)

tripulação dos SLCs, que lá havia chegado por via aérea.³⁷

O submarino deixou a Grécia no dia 14 de dezembro, alcançando a área de operação no anoitecer do dia 18 (18h40), quando avistou o Farol de Ras-el-Tin, localizado na entrada do porto de Alexandria. Duas horas depois, oculto pela escuridão da noite, o *Scirè* emergiu o suficiente para fazer flutuar os SLCs, retirados de seus compartimentos pelos MECs, que instantes depois iniciaram o lento e cauteloso trajeto em direção ao seu objetivo, navegando próximo da costa.³⁸

Seguindo seu curso cautelosamente em meia imersão para facilitar a identificação de pontos de referência, os Maiale e suas respectivas tripulações tentavam evitar o intrincado sistema defensivo da instalação portuária, formado por uma providencial combinação de barreiras naturais e artifi-

ciais que restringiam o acesso a um estreito corredor que conduzia ao porto egípcio. Evitando serem detectados, os Aurigas se aproximaram da rede metálica que matinha a passagem para o porto fechada. Impossibilitados de empregar o potente alicate que transportavam para lidar com situações dessa ordem, uma vez que o barulho provocado por tal ação poderia chamar a atenção das sentinelas que tripulavam as lanchas-patrolha, os MECs tiveram que aguardar a aproximação de um conjunto de navios, que, ao ingressarem no porto pela abertura temporária da rede metálica, permitiram que os SLCs também a penetrassem furtivamente.³⁹

Navegando cautelosamente junto ao cais, cada uma das tripulações, após identificar o alvo que lhe era atinente, passou a operar por conta própria, realizando

37. HERNÁNDEZ, *op. cit.*, pp. 270-271.

38. SCHOFIELD; CARISELLA, *op. cit.*, pp. 125-126.

39. HERNÁNDEZ, *op. cit.*, pp. 271-272.



Fotografia 2: Operador da 10ª MAS equipado com o dispositivo de respiração subaquática ARO (*Auto Respiratore ad Ossigeno*) e o traje de mergulho Vestito Belloni (Fonte: BARBIERI, 2012, p. 28)

aproximação para iniciar os procedimentos de instalação das ogivas. Como o *HMS Eagle* não se encontrava atracado no porto de Alexandria, pois havia partido no início daquela mesma noite rumo ao Canal de Suez e ao Oceano Índico, coube à tripulação do SLC nº 222 a tarefa de escolher alvos de oportunidade que estivessem ao longo de sua rota.⁴⁰ Após uma breve avaliação de um grupo de navios atracados no porto, Martellotta e Marino optaram por instalar sua ogiva no casco do Petroleiro *Sagona*, a maior embarcação por

Conforme procedimento operacional estudado em La Spezia, os torpedos tripulados nºs 222 e 223 posicionaram-se sob os navios-alvo e instalaram os artefatos explosivos junto às quilhas

eles avistada. Entretanto, após submergirem em direção ao alvo, a dupla de Aurigas seguiu uma rota equivocada, posicionando o SLC embaixo de um cruzador. Percebendo o engano, eles corrigiram sua direção e navegaram até a embarcação que lhes era designada.⁴¹

Conforme procedimento operacional sistematicamente estudado em La Spezia, os torpedos tripulados nºs 222 e 223 posicionaram-se sob os navios-alvo e instalaram os artefatos explosivos junto às quilhas de ambos. O processo de instalação das cargas explosivas requeria que o SLC se aproximasse em imersão por baixo da embarcação selecionada, cabendo ao MEC sentado na segunda sela dos Maiale a tarefa de acoplar uma presilha na quilha de balanço nos dois bordos do navio. Devidamente fixadas, essas presilhas eram ligadas por um cabo que, atravessando o anel de sustentação da ogiva, fazia pender o artefato imediatamente abaixo do casco da embarcação-alvo. O temporiza-

dor da carga explosiva deveria ser acionado momentos antes de o torpedo tripulado se evadir do local.⁴²

Por sua vez, após transporem a rede de proteção que envolvia o *HMS Valiant*, De La Penne e Bianchi tiveram grandes dificuldades ao tentar fixar a ogiva do SLC nº 221 junto à quilha da embarcação.

Enquanto manobravam para posicionar o Maiale sob o casco do encouraçado, experimentando os efeitos da exaustão e do frio devido ao longo tempo –

40. SCHOFIELD; CARISELLA, *op. cit.*, p. 132.

41. McRAVEN, William Harry. *SPEC OPS: case studies in special operations warfare theory and practice*. New York: Presidio Press, 1995, p. 111.

42. HERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 268.



Figura 2: Concepção artística do procedimento de instalação da ogiva do Maiale sob o casco de uma embarcação inimiga (Fonte: Disponível em: <<http://www.militaryart.com/mall/more.php?ProdID=24514>>. Acesso em: 14 mai. 2014)

cerca de oito horas – de atividade na água, De La Penne perdeu a governabilidade do torpedo, que acabou chocando-se com o casco do *HMS Valiant* e desceu para o fundo lamacento, onde um dos cabos da rede protetora se enroscou no hélice do SLC, provocando uma pane que o fez parar repentinamente. Abandonando sua sela, Bianchi nadou até a popa do SLC para desobstruir o hélice e, após fazê-lo, viu-se forçado a nadar para uma das boias de amarração do encouraçado devido a uma falha em seu sistema de respiração.⁴³ Incapaz de reativar o Maiale e sem outra alternativa viável, De La Penne levou cerca de 40 minutos para arrastar o torpedo e colocá-lo na posição mais próxima entre o solo marinho e o casco do *Valiant*. Em seguida, exaurido pelo

extremo esforço, ele acionou o detonador da carga explosiva e nadou para a boia de amarração do navio, onde, para sua surpresa, se deparou com Bianchi.⁴⁴

**A exemplo de seus
companheiros dos SLCs
n^{os} 222 e 223, capturados
em seu procedimento de
evasão, De La Penne e
Bianchi foram detidos
e interrogados pelo
comandante do
HMS Valiant.
De La Penne resolveu
alertar sobre a iminência da
explosão, que ocorreria nos
minutos seguintes**

A exemplo de seus companheiros dos SLCs n^{os} 222 e 223, capturados na costa egípcia em seu procedimento de evasão, De La Penne e Bianchi foram detidos e interrogados pelo Capitão Charles Morgan, comandante do *HMS Valiant*. Sem responder a nenhum dos questionamentos do oficial britânico, ambos foram feitos prisioneiros nos conveses inferiores do navio. Eles permaneceram ali por duas horas e meia, até que De La

Penne resolveu quebrar o silêncio, enviando uma mensagem para o Capitão Morgan alertando-o sobre a iminência da explosão,

43. BARBIERI, *op. cit.*, p. 30.

44. McRAVEN, *op. cit.*, p. 94.

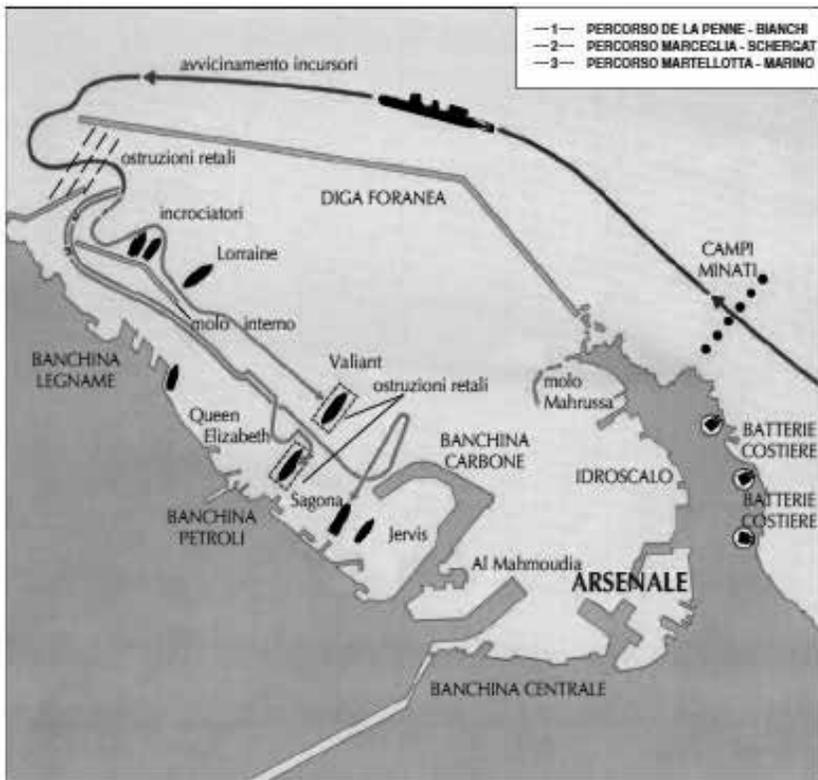


Figura 3: Rota de aproximação dos torpedeiros tripulados italianos no porto de Alexandria (Fonte: BARBIERI, 2012, p. 32)

que, conforme suas estimativas, ocorreria nos minutos seguintes. Por volta das 6 horas da manhã do dia 19 de dezembro, enquanto os tripulantes se deslocavam para o convés superior, atendendo a ordem de evacuação emitida pelo oficial comandante, o encouraçado estremeceu com a detonação da carga explosiva, que provocou uma série de avarias que comprometeram significativamente o fundo do casco.⁴⁵

Em um intervalo não superior a 15 minutos da primeira explosão, seguiram-se a segunda e a terceira detonação, que acabaram por abalar as estruturas do *HMS Queen Elizabeth* e do Petroleiro *Sagona*, respectivamente. Por encontrar-se muito próximo ao petroleiro, o Contratorpedeiro *HMS Jervis* também sofreu sérios danos

provocados pela onda de choque produzida pela carga explosiva.⁴⁶

O resultado da ação dos MECs italianos no porto de Alexandria causou um imenso infortúnio para a Royal Navy, uma vez que comprometeu seriamente as duas embarcações mais importantes da esquadra britânica na tarefa de romper as linhas de abastecimento das forças do Eixo no Mediterrâneo. Devido às avarias provocadas pelas ogivas dos torpedeiros tripulados italianos, tanto o *HMS Queen Elizabeth* quanto o *HMS Valiant* encontravam-se em condições tão precárias que as embarcações somente voltariam a deixar o porto depois de um longo período de reparos. Entretanto, os italianos não conseguiram se valer dessa experiência em eventos futuros, pois os bri-

45. WALDRON; GLEESON, *op. cit.*, pp. 18-20.

46. SCHOFIELD; CARISELLA, *op. cit.*, p. 133.

tânicos trataram de ludibriar a inteligência italiana mantendo ambos encouraçados em atividade aparente, atitude que levou os espíões, apesar das evidências coletadas, a questionar o poder destrutivo da ação subaquática de seus compatriotas. Diante desse quadro, receoso de que as belonaves britânicas estivessem em perfeitas condições operacionais, Mussolini ordenou que sua frota mercante permanecesse atracada nos portos italianos.⁴⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento histórico das guerras coloca os MECs italianos na condição de pioneiros em ações de ataque mergulhado utilizando submarinos como plataforma de infiltração para operações de assalto. Introduzido durante a Primeira Guerra Mundial, o emprego de pequenos dispositivos autopropulsados para o transporte de mergulhadores, como o *Mignatta*, evoluiu no período entre guerras com a introdução do SLC, que foi colocado à prova no Mediterrâneo em diversas ocasiões ao longo da Segunda Guerra. Nos dois conflitos mundiais ocorridos na primeira metade do século XX, os Aurigas precisaram não apenas proceder de forma inovadora, mas, sobretudo, imbuírem-se de ousadia e coragem para desempenhar um tipo de missão particularmente difícil e extremamente arriscada. O ataque ao porto

de Alexandria é citado como o exemplo mais eficiente desse gênero de missão, pois redundou em um golpe decisivo que minou a capacidade britânica de opor-se ao abastecimento das tropas do Eixo no norte da África, muito embora essa vantagem tenha se perdido por ocasião de uma decisão equivocada do *Dulce*.

É pertinente destacar, como indicador do peso que a ação dos Aurigas em Alexandria teve sobre os Aliados, que o premiê britânico Winston Churchill, em seu característico tom veemente, questionou seus chefes de Estado-Maior acerca das medidas adotadas contra aquele tipo de ofensiva, bem como sobre as restrições que dificultavam um

O *modus operandi* das tropas de Operações Especiais deixado pelos MECs italianos permanece como uma referência histórica irrefutável

empreendimento Aliado valendo-se dos mesmos meios que os MECs italianos.⁴⁸ Posteriormente, aproveitando os conhecimentos adquiridos por ocasião de SLCs apreendidos em operações anteriores, os britânicos desenvolveriam o torpedo de dois tripulantes denominado

Chariot, cuja dinâmica operacional era muito semelhante à dos Maiale.⁴⁹

Apesar da frustração experimentada em alguns engajamentos executados sem sucesso, no decorrer da Segunda Guerra Mundial os MECs italianos conduziram 12 missões nas quais afundaram ou avariaram um total de 25 embarcações – cinco navios de guerra e 12 navios mercantes –, totalizando 130.000 t de material perdido pelos Aliados devido à atuação da 10ª Flotilha MAS.⁵⁰

47. HERNÁNDEZ, *op. cit.*, p. 276.

48. WALDRON; GLEESON, *op. cit.*, p. 36.

49. *Idem*, p. 39.

50. CHANT, Chris. *Special Forces: history, roles and missions, training, weapons and equipment, combat scenarios*. Bath: Parragon Books, 2012, p. 23.

Estudados no período pós-guerra, os procedimentos operacionais adotados no decorrer do conflito pelos MECs da Regia Marina contribuíram significativamente para que as forças navais ao redor do mundo desenvolvessem unidades análogas aptas a promover ações similares àquelas realizadas pelos Aurigas na década de 1940. A ação desempenhada pelos torpedos tripulados em Alexandria notabilizou-se como modelo de operação não convencional, que, ao minimizar as Fricções de Guerra, alcançou superioridade relativa em relação

ao inimigo valendo-se dos seis princípios das Operações Especiais (OpEsp), a saber: simplicidade, segurança, repetição, surpresa, rapidez e propósito.⁵¹

Atualmente, mesmo diante da necessidade de diversificar o *modus operandi* das tropas de Operações Especiais diante da nova ordem mundial, o legado deixado pelos MECs italianos na Segunda Guerra Mundial permanece como uma referência histórica irrefutável que baliza a gênese do Mergulho do Combate como atividade militar sistemática.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS>; Marinha da Itália; Marinha da Inglaterra; Mergulho; Submarino; Alexandria;

BIBLIOGRAFIA

- BARBIERI, Carlo. Alessandria 1941. *Lega Navale*. Roma, ano CXV, nº 5-6, mai/jun 2012, pp. 28-32.
- BREEN, Michael; GELTZER, Joshua A. “Estratégias Assimétricas como a opção dos mais fortes”. *Military Review*. Fort Leavenworth, KS, jan/fev 2012, pp. 51-62.
- BRODIE, Bernard. *Guia de Estratégia Naval*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 1961.
- CHANT, Chris. *Special Forces: history, roles and missions, training, weapons and equipment, combat scenarios*. Bath: Parragon, 2012.
- HERNÁNDEZ, Jesús. *Operações Secretas da Segunda Guerra Mundial: conspirações, agentes secretos, contra-espionagem, golpes e sabotagem*. São Paulo: Madras, 2012.
- JORDAN, David; WIEST, Andrew. Alemanha versus Inglaterra. *Atlas da Segunda Guerra Mundial*. v. 1, São Paulo: Escala, 2008, pp. 63-95.
- JORGENSEN, Sven Erik. The First Frogmen. *X-Ray Magazine*. Copenhagen, nº 7, 2005a, pp. 67-72. Disponível em: <<http://www.xray-mag.com/content/first-frogmen>>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- _____. The First Frogmen 2. *X-Ray Magazine*. Copenhagen, nº 9, 2005b, pp. 85-93. Disponível em: <<http://www.xray-mag.com/content/first-frogmen-part-2>>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- McRAVEN, William Harry. *SPEC OPS: case studies in special operations warfare theory and practice*. New York: Presidio Press, 1995.
- RIBERA, Antonio. *Los hombres-peces*. 3. ed. Barcelona: juventud, 1976.
- SCHOFIELD, William; CARISELLA, P. J. *Frogmen First Battles*. Wellesley MA: Branden Books, 2005.
- SOUTO MAIOR, Armando. *História Geral*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- WALDRON, Tom; GLEESON, James. *Minissubmarinos*. História Ilustrada da 2ª Guerra, Armas 18, Rio de Janeiro: Renes, 1977.
- ZAHAR, Cristina; FONSECA, Ana (Ed.). “A Bota Fascista”. *Segunda Guerra Mundial: 60 anos. A ofensiva do nazismo*. v. 1, São Paulo: Abril, 2005, pp. 40-45.

51. McRAVEN, *op. cit.*, pp. 102-112.